



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS - I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ROSSANA SILVA ARAÚJO

**ALFABETIZAÇÃO: COMO OS DOCENTES ALFABETIZARAM E ALFABETIZAM
AS CRIANÇAS NO CONTEXTO ATUAL**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

ROSSANA SILVA ARAÚJO

**ALFABETIZAÇÃO: COMO OS DOCENTES ALFABETIZARAM E ALFABETIZAM
AS CRIANÇAS NO CONTEXTO ATUAL**

Artigo relativo ao Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663a Araújo, Rossana Silva
Alfabetização [manuscrito] : como os docentes alfabetizaram e alfabetizam as crianças no contexto atual / Rossana Silva Araújo. - 2016.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Departamento de Pedagogia".

1. Alfabetização 2. Letramento 3. Ensino 4. Escola I. Título.
21. ed. CDD 372.6

ROSSANA SILVA ARAÚJO

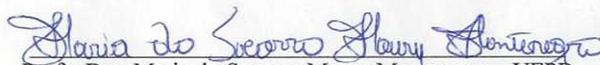
**ALFABETIZAÇÃO: COMO OS DOCENTES ALFABETIZARAM E
ALFABETIZAM AS CRIANÇAS NO CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA E
DA PRIVADA**

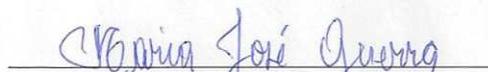
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às exigências
para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Aprovada em: ___ de dezembro de 2016

BANCA EXAMINADORA


Profª. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro - UERB
Orientadora


Profª. Dra. Maria José Guerra - UEPB
Examinadora


Profª. Dra. Valdecy Margarida da Silva - UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido a graça de concluir este curso, me dando força e ânimo nos momentos difíceis para conciliar trabalho e estudo.

Aos meus pais, pelo amor, confiança e dedicação que me instruiu no caminho do bem, pelo esforço para que eu conquistasse os meus objetivos.

Aos professores que contribuíram na minha formação, transmitindo seus saberes me valendo como conhecimento e experiência.

A professora Maria Socorro Moura Montenegro, pela disponibilização de me orientar nesse artigo, mesmo sem seu tempo e entre tantas orientandas abriu um espaço para me ajudar.

Um agradecimento em especial a minha primeira professora Maria José de Sousa Liberal que me ensinou desde a creche até a 4ª série, e me inspirou a seguir a profissão de educadora ao observar o seu amor e dedicação aos seus alunos.

Grata a todas essas pessoas que me ajudaram no decorrer dessa caminhada. Obrigada por tudo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	7
3. A METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA E O TESTEMUNHO DAS METODOLOGIAS UTILIZADAS EM SALA DE AULA PELA DOCENTE ALFABETIZADORA	11
3.1 Métodos de alfabetização.....	12
3.1 O que diz os diferentes métodos de alfabetização e os estudos sobre letramento?	13
4. A PRÁTICA ALFABETIZADORA EM SALA DE AULA	15
ÚLTIMAS PALAVRAS.....	18
REFERÊNCIAS	19

ALFABETIZAÇÃO: COMO OS DOCENTES ALFABETIZARAM E ALFABETIZAM AS CRIANÇAS NO CONTEXTO ATUAL

Rossana Silva Araújo¹

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo investigar como os docentes alfabetizaram e alfabetizam as crianças no contexto da escola privada. A pesquisa foi subsidiada pelos escritos de Ferreira (2001), Soares (2003), Teberosky (2001) e outros autores que direcionam as reflexões em torno da alfabetização. A partir disso, buscamos desdobrar essa problemática nos seguintes objetivos específicos: compreender a concepção de alfabetização da docente alfabetizadora; identificar a concepção teórica que está subjacente à metodologia utilizada pela docente alfabetizadora no início de sua profissão; mostrar a concepção teórica que está, hoje, subjacente à metodologia utilizada pela docente alfabetizadora. Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida à luz do referencial qualitativo descritivo-interpretativo. Assim, foi aplicado questionário com uma professora da rede particular de ensino do município de Campina Grande-Paraíba. Dessa forma, concluímos que ao longo do exercício profissional a visão de alfabetização da professora foi mudando conforme o cenário educacional, ora mesclando os métodos de ensino, ora inserindo novas teorias de alfabetização. Observou-se também por meio do questionário aplicado que hoje a alfabetizadora tem um conhecimento teórico mais aprofundado que orienta as práticas de alfabetização em sala de aula.

Palavras-Chave: Alfabetização. Letramento. Ensino. Escola.

1 INTRODUÇÃO

No processo de aprendizagem atual a alfabetização é tema de constantes debates no meio educacional, devido aos desafios que ainda existem, por mais que as pesquisas retratem e discutam essa temática, acreditamos que não se esgota. Por isso, necessário se faz que busquemos desenvolver reflexões sobre os processos de ensino e de aprendizagem inerentes à alfabetização no Brasil. Sinalizando, práticas pedagógicas com constantes variações conceituais e metodológicas.

Entretanto, não podemos desconsiderar o cenário histórico que a produziu, fundada no sentido restrito da decodificação, associado ao conceito de ensino, de aprendizagem, de

¹ Graduanda em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.

currículo, de escolarização, de formação docente e de muitos outros, os quais também são e foram referendados pelas políticas educacionais brasileiras.

Não podemos perder de vista que a pergunta de pesquisa deve estar presente em todo e qualquer estudo, para que possamos nos debruçar sobre uma possível resposta ou reflexão mais cuidadosa. Em razão disso, buscamos refletir sobre as diferentes formas de alfabetização, já que apresentamos a preocupação em saber: como os docentes alfabetizavam, no início de sua profissão e como alfabetizam, hoje?

Tendo em vista, as inquietações na construção desta pesquisa, tem-se por **objetivo principal** investigar como os docentes alfabetizaram e alfabetizam as crianças no contexto da escola privada. A partir disso, buscamos desdobrar essa problemática nos seguintes objetivos específicos, a saber: 1. Compreender a concepção de alfabetização da docente alfabetizadora; 2. Identificar a concepção teórica que está subjacente a metodologia utilizada pela docente alfabetizadora no início de sua profissão; 3. Identificar a concepção teórica que está subjacente a metodologia utilizada pela docente alfabetizadora, hoje.

Metodologicamente, a pesquisa será desenvolvida à luz do referencial qualitativo. Sobre esse assunto Gerhardt e Silveira (2010, p.31), afirmam que “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”.

Nesta perspectiva, esta pesquisa fundamenta-se nos escritos de Ferreiro (2001), Soares (2003), Mamede (2000) e outros autores que direcionam as reflexões em torno da alfabetização que, de uma forma ou de outra, está imbrincada ao letramento. De modo que na escritura deste artigo procurou-se a construção de uma reflexão sobre as diferentes concepções de alfabetização e letramento e a necessidade de repensar-se as estratégias metodológicas na prática pedagógica alfabetizadora.

A partir disso, esse trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiro, trataremos das concepções de alfabetização e letramento, em segundo lugar, abordaremos a metodologia utilizada na pesquisa e os diferentes métodos de alfabetização e letramento, em terceiro, a prática alfabetizadora em sala de aula. Algumas palavras sobre a pesquisa encerram o trabalho.

2 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Inicialmente, ao longo da história da educação brasileira, verificamos que a alfabetização utilizou-se de várias concepções de alfabetização e, conseqüentemente, de metodologias. Contudo, ainda hoje, enfrentamos uma problemática antiga: como os sujeitos se apropriam, de fato, da aquisição da linguagem escrita?

A alfabetização está no centro dos debates educacionais, apesar deste conceito ter sido ressignificado, ao longo da história da alfabetização, nos últimos anos. Nesse cenário, o conceito de alfabetização é compreendido como a “aquisição das habilidades da leitura e escrita”, em que pese ser confundido com método. Sobretudo, os denominados “métodos” de Paulo Freire e as “teorias” de Emília Ferreiro que, durante muito tempo serviu de muitos equívocos. Embora saibamos que são distintos na sua essência.

Corroborando com essa ideia, Soares (2007, p.15) esclarece que “[...] não parece apropriado, nem etimológica nem pedagogicamente, que o termo alfabetização designe tanto o processo de aquisição da língua escrita quanto o processo de seu desenvolvimento [...]”.

As colocações da autora conduzem Santos e Mendonça (2007, p.30) a uma percepção, de que a alfabetização “efetivada na escola deixa de trabalhar as habilidades discursivas e trata a linguagem meramente como fenômeno linguístico abstrato”, quer dizer, trabalha a linguagem como código que deve ser decodificado e apenas utilizado como expressão do pensamento.

Segundo Soares (2000), é preciso ir além da concepção de que alfabetizar é a “aquisição do código escrito”, já temos que fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, isto é, apropriarmos-nos da sua função social. Sabendo também que “é preciso letrar-se”, ao considerarmos que:

A alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2003, p. 09 - 12).

Por esse ângulo, o processo de alfabetização consiste apenas na aquisição do sistema alfabético, enquanto o letramento insere na aprendizagem do aluno as práticas sociais de leitura e da escrita. Salientamos que nos estudos de Ferreiro e Teberosky (2001), Smolka

(1996), Soares (2003) e outros, alguns esclarecimentos foram feitos em relação à forma de pensar da criança ao entrar em contato com a escrita, enquanto objeto de conhecimento. Além disso, os estudos de Santo e Mendonça (2007), Kleiman (1995), analisam a relação entre letramento e alfabetização.

Conforme referencia Moll (2009):

A Alfabetização é um processo de construção do conhecimento e, como tal, é desencadeada pela 'interação' entre o educando e objeto de conhecimento [...] transcende a escolha e à execução de um método de ensino; é um processo multifacetado no qual se confrontam a língua escrita, o educando e a intervenção didática do espaço escolar (MOLL, 2009, p.179).

Nesse sentido, percebemos que a alfabetização é um processo complexo, pois envolve a construção do conhecimento pela criança, partindo do princípio de que o sujeito aprende, a partir do seu desejo, de sua curiosidade de aprender, no entanto, não basta que o docente tenha compromisso com a aprendizagem de seu/sua aluno/a, seja em que concepção o docente tenha se apropriado, seja ela tradicional ou não, bem como que o alfabetizador possua formação pedagógica e embasamento teórico. Não está em jogo apenas a vontade e o desejo de aprender desses sujeitos, mas as condições que lhes são oferecidas para a aquisição do saber escrito.

Nesse sentido, a formação do professor alfabetizador precisa ser alicerçada dada a complexidade do seu trabalho, como lembram Parente, Valle e Mattos (2015),

São necessários á formação do professor conhecimento referentes às diferentes áreas, tais como psicologia, psicopedagogia, fonoaudiologia, além de conhecimentos metodológicos e didáticos específicos sobre o processo de alfabetização e todas as variáveis que participam e podem vir a influenciar esse processo (PARENTE, VALLE, MATTOS, 2015, p.97).

Retomando a discussão sobre letramento, em conformidade com Kato (2000), o termo letramento é recente no discurso educacional, dando início à distinção entre alfabetização e letramento. Sinalizando em duas direções: 1. Alfabetização é um processo de aquisição de habilidades requeridas para a leitura e escrita; 2. Letramento é o conhecer e fazer uso da função social da escrita.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs (BRASIL, 1995), o letramento refere-se àquelas práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever.

Para Soares (2000), a pessoa que aprende a ler e escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, torna-se também letrada. Ou seja:

[...] Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar e decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é assumi-la como sua propriedade (SOARES, 2000, p.39).

Dentro dessa ótica, não podemos desconsiderar que a concepção do docente está inscrita na sua prática, já que não tem como não está impregnado no seu discurso, nas suas vozes, nas quais são fundamentadas suas mais diferentes apropriações do saber, do seu fazer, de suas ideologias, não tem como esconder, por mais que se queira. Além disso, a inserção da criança no universo da leitura é mais do que alfabetizar, é potencializar a criança, e ensiná-la a produzir o saber escrito, posto que essa etapa escolar deixará marcas permanente no desenvolvimento e na aprendizagem do indivíduo.

Em síntese, alfabetizar letrando vai muito além de ensinar a decodificar palavras em um texto, muitas vezes, solto, sem sentido, sem está relacionado ao seu contexto social e cultural. Segundo Kleiman (1995), a diferença entre ser alfabetizado e letrado implica diferenças nos graus de familiaridade com diversos usos da escrita do cotidiano: escrever bilhetes e cartas, compreender uma notícia no jornal, entender uma explicação médica, preencher formulários oficiais, defender seus direitos de consumidor, contribuir para um debate.

Esta ideia da autora vem ao encontro de Soares (2004), quando diz:

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência, perde sua especificidade. [...]. Entretanto, o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, *letradas* na escola, não estão sendo *alfabetizadas*, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele. (SOARES, 2004, p.11).

Em outras palavras, entendemos que além de dominar a leitura e a escrita, o indivíduo para ser considerado alfabetizado ou letrado, precisa saber utilizar a leitura e a escrita em contextos sociais variados.

Salientamos que dada às especificidades de cada concepção, letramento e alfabetização, ambas, de uma forma ou de outra, caminham lado a lado, pois estar alfabetizado não significa estar letrado. E esse processo acontece concomitantemente, como por exemplo: a criança alfabetizada consegue converter uma palavra oral para a linguagem escrita, pois domina o código alfabético. Paralelamente, a criança letrada é capaz de escrever um bilhete, preencher um formulário, além de opinar sobre uma propaganda de TV ou interpretar uma fotografia.

Assim, a concepção de letramento ganha relevância na relação com o processo de alfabetização, principalmente, porque dá destaque: (i) aos usos e funções sociais da linguagem escrita; (ii) ao atravessamento da linguagem escrita na fala de quem é letrado; (iii) aos modos como instituições, objetos, situações, procedimentos, de vários tipos, estão impregnados das marcas da escrita e de seus valores sociais (KLEIMAN, 1998; SOARES, 2003).

A questão do letramento é um debate teórico e metodológico e seu conceito está muito atrelado a concepção de alfabetização, de leitura e escrita. Tanto a compreensão do termo letramento como de alfabetização, são complexos e envolve a própria concepção do sistema formal da língua escrita.

Corroborando com essa discussão, Kleiman (2004) esclarece o seguinte:

O modelo que determina as práticas escolares é o modelo autônomo de letramento, que considera a aquisição da escrita como um processo neutro, que, independentemente de considerações contextuais e sociais, deve promover aquelas atividades necessárias para desenvolver no aluno, em última instância, como objetivo final do processo, a capacidade de interpretar e escrever textos abstratos, dos gêneros expositivo e argumentativo, dos quais o protótipo seria o texto tipo ensaio. [...] As práticas escolares [...] estariam constituídas por práticas de letramento ideologicamente determinadas, que encaminham o aluno por trilhas previamente determinadas em função de sua classe social e/ou etnia do aluno, não em função de sua inteligência ou potencialidade. Essas trilhas efetivamente reproduzem as desigualdades do sistema (KLEIMAN, 2004, p. 44-5).

Por isso, a necessidade de um grande esforço de revisão das práticas tradicionais de alfabetização inicial, centradas na codificação de sons e letras e, a compreensão de que a

alfabetização caminha junto com o letramento. Nesse (des)entendimento reside os desafios que permeiam os métodos utilizados no processo de aquisição da língua, chegando, muitas vezes, a confundir o processo de aprendizagem, como método² de alfabetizar.

Através das diferentes concepções de alfabetização, percebemos que tanto os conceitos de alfabetização, quanto de letramento, revelam a importância da prática docente no processo de aquisição da escrita e da leitura.

3 A METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA E O TESTEMUNHO DAS METODOLOGIAS UTILIZADAS EM SALA DE AULA PELA DOCENTE ALFABETIZADORA

A metodologia utilizada na presente pesquisa é de cunho qualitativo-descritivo de um estudo de caso, de uma experiente professora alfabetizadora, da rede particular de ensino no município de Campina Grande-Paraíba.

A hipótese em relação aos métodos de alfabetizar é a de que tal procedimento orientem as ações do professor para que os objetivos da alfabetização sejam atingidos. Por essa razão, sabemos que os docentes que consideram que na alfabetização os alunos perpassam pela aprendizagem da codificação e decodificação, o que não pode e nem deve ser feito é se prender, apenas, nisso.

No processo de alfabetização brasileira, diversos métodos de alfabetização foram transpostos para a sala de aula, chegando a afirmar que as crianças chegavam a escola sem nenhum conhecimento, como se elas fossem “tábulas rasas³” e, que não aprendiam por falta de pré-requisitos. Nem as crianças nem os adultos são homogêneos, a heterogeneidade sempre povoará nossas salas de aulas e a própria sociedade. Isto porque consideramos que a aquisição da linguagem escrita, no sentido restrito da decodificação, está mais para o aprendizado da técnica que, por sua vez, também dependia tão somente de métodos tradicionais adequados.

A ênfase estava no trato com a técnica mecânica, relativa ao exercício de técnicas motoras que estabelecia o desenho das letras ou das associações de formas sonoras às formas

² Pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim (GIL, 2008, p.8). Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/john-locke-307434.shtml>.

³ A mente humana é tabula rasa, expressão latina análoga à idéia de uma tela em branco (John Locke, 1632-1704).

gráficas e à sua memorização. Na visão de Soares (2003), tal concepção inferiu-se aos métodos a responsabilidade pelos problemas da aprendizagem da leitura e da escrita.

3.1 Métodos de alfabetização

O problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido compreendido por alguns estudiosos como uma questão de métodos. De acordo com Mortatti (2000), a preocupação dos educadores tem se voltado para a busca do “melhor” ou mais eficaz deles, contribuindo para polemizar os conhecidos métodos sintéticos e métodos analíticos.

Em que pese as discussões e pesquisas em relação ao processo de aquisição da leitura e da escrita, atualmente, existem docentes que ainda adotam o método tradicional, onde é trabalhado mecanicamente a leitura e a escrita, embora compreenda que o mais importante disso tudo é o comprometimento político do professor com a aprendizagem das crianças, não importando qual seja a metodologia que usa.

[...] As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (KLEIMAN, 1998, p.19).

A esse respeito podemos inferir que a escola precisa inserir no processo de ensino práticas de escrita e leitura que possuam significado social, pois a criança vivencia em seu cotidiano uma diversidade de uso da leitura e da escrita.

Nesse sentido, Soares (2004), considera que os métodos são a soma de ações baseados em um conjunto de princípios e hipóteses psicológicas, linguísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados. Ainda segundo a autora: “Em alfabetização o método será, pois, o resultado da determinação dos objetivos a atingir (conceitos, habilidades, atitudes que caracterizarão a pessoa alfabetizada” (SOARES, 2004, p.93).

No que se refere ao Método Tradicional, Santos e Mendonça (2007, p.18), dizem que nesta concepção, no “ensino tradicional de alfabetização em que primeiro se aprende a

“decifrar um código” a partir de uma sequência de passos/etapas, para só depois se ler efetivamente, não garante a formação de leitores/escretores”.

O Método Sintético é subdividido em alfabético, fônico e silábico, ou seja, a aprendizagem parte das partes para o todo (SANTOS, MENDONÇA, 2007; FRADE, 2007).

Com efeito, Morais (2012), explica que:

[...] ambos partem do pressuposto de que as crianças, naturalmente e sem dificuldades, já pensariam, desde cedo, que as letras “substituem os sons das palavras que pronunciamos”. Essa visão simplista é o que justificaria a solução de, simplesmente, transmitir-lhes, de forma pronta, as informações sobre correspondências som-grafia. (MORAIS, 2012, p. 37).

Ao contrário do que muitos ainda acreditam, alguns dos métodos de alfabetização interferem no processo de aquisição da leitura e da escrita pelo aluno por consistirem na memorização do que é ensinado. Por isso tudo, não há um consenso sobre esses métodos, os resultados na alfabetização ainda são alvo de questionamentos.

Sob tal enfoque, entendemos que são as concepções de ensino e de aprendizagem, assim como as concepções de linguagem que orientam o trabalho dos professores na escolha do método de alfabetização e que o alfabetizador deva ter uma boa formação teórica, para que possa conduzir o processo de alfabetização em sala de aula.

3.2 O que diz os diferentes métodos de alfabetização e os estudos sobre letramento?

Vários pesquisadores se debruçaram sobre as facetas da aquisição da escrita e leitura, conforme os estudos nos mostram são inúmeras dificuldades neste processo escolar. Sobre as trajetórias das práticas de alfabetização, Piccoli (2009, p.74) diz que quando a concepção de letramento inseriu-se nos discursos dos educadores brasileiros e começou a ser utilizada nas propostas de ensino, “a alfabetização tinha como característica a excessiva especificidade, isto é, apenas uma das facetas da aprendizagem da língua escrita era contemplada: as relações entre o sistema fonológico e o sistema gráfico”.

Entretanto, nenhum dos conflitos pelos quais os sujeitos passam são considerados pelas práticas que utilizam os métodos de ensino da leitura e da escrita. Nesse sentido, Piccoli (2009) complementa:

[...] Dessa maneira, a alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional da escrita alfabética e ortográfica, perdeu sua especificidade porque o de letramento prevaleceu sobre ela. Ao considerar as concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas da leitura e da escrita, a entrada dos sujeitos nesse mundo acontece simultaneamente pelos processos de alfabetização e letramento, sendo o primeiro a aquisição do sistema convencional de escrita e o segundo o desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que as envolvem (PICCOLI, 2009, p.74).

Os métodos de alfabetização sintéticos e analíticos, têm como conteúdo o ensino da escrita, destaca Frade (2007), mas diferem quanto ao procedimento mental e, quanto ao conteúdo da alfabetização que ensinam. Isto é,

Os métodos sintéticos seguem a marcha que vai das partes para o todo. [...] Essa tendência compreende o método alfabético que toma como unidade a letra; o método fônico que toma como unidade o fonema e o método silábico que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba (FRADE, 2007, p.22).

Quanto ao método analítico, é constituído por palavração, ou seja, leitura de palavra por palavra, trabalhando de forma isolada. Os críticos deste método dizem que é desestimulante para a criança. A esse respeito destaca Frade (2007):

O segundo grupo de métodos, os **analíticos** partem do todo para as partes e procuram romper radicalmente com o princípio da decifração. Buscando atuar na compreensão, estes defenderam a inteireza do fenômeno da língua e dos processos de percepção infantil. Estes métodos tomam como unidade de análise a palavra, a frase e o texto e supõem que se baseando no reconhecimento global como estratégia inicial, os aprendizes podem realizar posteriormente um processo de análise de unidades que dependendo do método (global de contos, sentencição ou palavração) vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba (FRADE, 2007, p.26)

Nesse percurso na evolução do processo de aquisição da escrita e da leitura, busca, surge o construtivismo partindo da compreensão do que impulsiona e estimula o desenvolvimento da competência linguística da criança.

As práticas fundamentadas no ideário construtivista, ao longo das últimas décadas, trazem como ponto positivo a introdução ou o resgate de importantes dimensões da

aprendizagem significativa e das interações, bem como dos usos sociais da escrita e da leitura, articulados a uma concepção mais ampla de letramento (BRASIL, 2008).

Contudo, são as situações de uso da leitura e da escrita além dos muros escolares, nas práticas sociais que configuram um ambiente alfabetizador. Esta é a proposta de alfabetizar letrando - o letramento.

4. A PRÁTICA ALFABETIZADORA EM SALA DE AULA

Em busca de conhecer e compreender as concepções no percurso alfabetizado dos professores, aplicamos um questionário de natureza qualitativa, composto de três questões abertas, com uma professora alfabetizadora que atua numa escola privada. A referida professora já leciona há 29 anos, dos quais 23 anos foram dedicados ao 1º ano, antiga alfabetização.

Tratando das questões específicas do estudo, foi perguntado por escrito a professora:

1. Qual o significado da Alfabetização?

Alfabetização vai muito além do que decodificar letras e ter a aquisição da leitura e da escrita, é aprimorar o que a criança já sabe desde os seus primeiros anos. É um processo contínuo que vai se estabelecendo até que ela dê significado ao que aprendeu e não necessariamente que aconteça num determinado ano escolar ou idade (DADOS DA ENTREVISTA, 2016).

A concepção de alfabetização desta professora difere da visão na qual se pautou ao longo do tempo, como um processo de ensinar e aprender a ler e escrever, ou seja, que alfabetizado é aquele que lê e escreve. Isto porque, o conceito se estabelece conforme a formação do professor e a proposta pedagógica vigente. Nesse sentido, a fala da professora comunga com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) quando diz, que a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, e, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa compreender não só o que a escrita representa, mas de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Ademais, a prática docente está permeada de várias abordagens de ensino. Ou ainda, inclinada para alguma tendência, sobretudo, na alfabetização. Ora, não é apenas a formação

teórica que influencia na metodologia do professor, a sua experiência docente também é responsável pelo fazer pedagógico.

2. Que/quais metodologias ela utilizava em sala de aula para alfabetizar?

No início da minha profissão como alfabetizadora, não se seguia ou se falava de determinados métodos. Passava a lição seguindo ainda o uso da cartilha que havia como apoio em salas de alfabetização, onde a leitura das vogais e do alfabeto era feito até que decorassem tudo. Então, começava o processo de juntar as letras, formar as famílias silábicas e as palavras simples. Posteriormente, ler pequenas frases, apenas para decodificar as sílabas como, por exemplo: Eva viu a uva. Para reforçar a aprendizagem dos alunos eram feitos ditados e uso da caligrafia que tinha em alguns livros. Com tantas mudanças na educação e a classificação dos métodos de alfabetização, posso dizer que seguia o método tradicional, dado o nome de Método Sintético, no qual trabalhava por meio do fônico, da soletração, do alfabético e a da silabação para facilitar o aprender a ler e escrever (DADOS DA ENTREVISTA, 2016).

As colocações da professora nos conduzem a uma percepção de que nos anos iniciais da profissão docente surgem dúvidas devido ao processo de transição entre a teoria apreendida durante sua formação e a realidade apresentada em sala de aula. Mas, consideramos que esse período seja muito importante, pois o docente irá experienciar novos desafios.

Os anos iniciais é um período realmente importante na história profissional do professor, determinando inclusive seu futuro e sua relação com o trabalho, assinala Tardif (2002, p. 11). Essa etapa é marcada por aprendizagens em contextos diferentes da universidade, possibilitando ao professor experienciar as teorias apreendidas no curso de graduação. Há, inclusive, autores que defendem que o professor se forma na escola, pois nesse período o professor quer aperfeiçoar sua prática pedagógica, porque (GABARDO, HOBOLD, 2011).

Em relação a práxis pedagógica, constata-se pelo depoimento da professora entrevistada, que há muitos desafios a enfrentar no processo de alfabetização e, que superar esses desafios requer estudo constante.

3. Que/quais metodologias você utiliza em sala de aula hoje para alfabetizar?

Após vários anos como alfabetizadora houveram muitas transformações, observo que recebo crianças cada vez mais novos, entre 5 e 6 anos para serem alfabetizados. As metodologias para alfabetizar uma criança variam de acordo com as dificuldades de cada uma, de acordo as mudanças na Educação, hoje seguimos o Método Construtivista, onde a criança é autora da sua aprendizagem, o saber e o conhecimento tem toda a sua participação de forma contextualizada com a sua realidade. Mas, ainda uso Métodos Tradicionais fazendo a associação com o Construtivismo, porque acho eficaz a união dos dois com meus alunos. Trabalho com leituras significativas e interessantes para a criança, exploro diversos gêneros textuais, em que a ela leia, compreenda, interprete e produza seus próprios textos. Uso jogos alfabéticos, músicas e rodas de leitura que ajudam no processo de alfabetização (DADOS DA ENTREVISTA, 2016).

No momento em que a professora afirma que a alfabetização vai muito além do que decodificar letras e ter a aquisição da leitura e da escrita e que após vários anos como alfabetizadora houveram muitas transformações, alguns significados se explicitam, como os desafios de ser professor alfabetizador em seu fazer educativo, que para esta professora leva a reflexões diárias de sua prática pedagógica. Outro significado se traduz no esforço em adquirir conhecimentos diversificados sobre métodos e teorias de alfabetização, a fim de aperfeiçoar sua atividade pedagógica.

Outro aspecto indicado nesta entrevista é a visão da professora de que para alfabetizar uma criança as metodologias precisam ser aplicadas de acordo com as dificuldades de cada uma, assim faz-se necessário a formação continuada do alfabetizador, para que possa inserir estratégias que estimule a curiosidade do aluno.

Segundo os teóricos utilizados neste estudo, alfabetizar é mesmo um grande desafio para o docente, talvez por isso, haja tantos estudos e debates em torno das metodologias e teorias de alfabetização nas últimas décadas pelos pedagogos e linguistas.

Portanto, reconhecemos que hoje vivenciamos uma mudança no entendimento do processo de alfabetização. Hoje as discussões sobre alfabetizar posicionam-se sobre a importância da escola preparar o aluno para uso social da escrita, posto que a leitura e a escrita.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Buscamos, nesta pesquisa, investigar como os docentes alfabetizaram e alfabetizam as crianças no contexto da escola privada. E, diante da fala da professora alfabetizadora, ao responder o questionário sobre sua prática pedagógica no início da profissão e na atualidade, foi possível refletirmos sobre as mudanças que ocorreram/ocorrem em relação a concepção de alfabetização da professora e os métodos utilizados no processo de ensino.

A pesquisa também revelou que os estudiosos reconhecem que as abordagens de ensino acompanham não só a concepção de ensino do educador, assim como as políticas de educação, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Vimos, por meio do referencial teórico, que os professores utilizaram e ainda utilizam os métodos tradicionais no qual o método de aquisição da língua escrita, não leva em conta os saberes da criança antes de chegar à escola. Contudo, há processos em que a criança é o sujeito da aprendizagem.

A fala da professora, assim como os estudos teóricos, indica que a maneira como o professor desenvolve seu trabalho dentro da sala de aula faz a diferença no processo de aquisição de leitura e de escrita.

A concepção de alfabetização da professora entrevistada, assim como sua prática pedagógica apontam para uma compreensão evolutiva, do início da profissão ao momento atual, assim como acontece no processo de aquisição da linguagem oral e escrita. No início, era muito presente a compreensão de escrita e leitura como o processo de juntar as letras, formar as famílias silábicas e as palavras simples, para só então começar o aluno a ler pequenas frases.

Analisando concepções e práticas que permeiam o processo de alfabetização e letramento, utilizamos os referenciais teóricos que promoveram a fundamentação do artigo e serviram como alicerce para a entrevista realizada com uma professora alfabetizadora. Assim sendo, procurou-se investigar como os docentes alfabetizaram e alfabetiza as crianças no contexto da escola e privada.

Essa visão da professora acredita-se ser também de muitos alfabetizadores brasileiros. Mas hoje, esperamos que muitos docentes já tenham uma maior compreensão do processo da aquisição da linguagem oral e escrita como prática social.

Desse modo, o artigo nos levou a concluir que o professor alfabetizador, hoje, precisa pautar sua prática pedagógica para que o aluno utilize a escrita e a leitura em diversas situações comunicativas, dentro e fora da escola.

ABSTRACT

This article aims to investigate how teachers literate and literate children in the context of private school. The research was subsidized by the writings of Ferreiro (2001), Soares (2003), Teberosky (2001) and other authors who direct the reflections on literacy. From this, we try to unfold this problem in the following specific objectives: to understand the literacy conception of the literacy teacher; Identify the theoretical conception that underlies the methodology used by the literacy teacher at the beginning of his profession; Show the theoretical conception that is, today, underlying the methodology used by the literacy teacher. Methodologically, the research was developed in the light of the descriptive-interpretive qualitative reference. Thus, a questionnaire was administered with a teacher from the private school network in the city of Campina Grande-Paraíba. In this way, we conclude that throughout the professional exercise the teacher's vision of literacy was changing according to the educational scenario, sometimes mixing teaching methods, or inserting new theories of literacy. It was also observed through the questionnaire applied that today the literacy teacher has a deeper theoretical knowledge that guides the literacy practices in the classroom.

Keywords: Literacy. Literacy. Teaching. School.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Pró-Letramento:** Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. – ed. rev. e ampl. Incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 364 p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 126p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 144p.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**/Emília Ferreiro: Tradução Horácio Gonzáles (et. al.), 24. ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FRADE, I. C. A. S. **Métodos e didáticas de alfabetização:** história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 72 p. (Coleção Alfabetização e Letramento).

GABARDO, C.V; HOBOLD, M.S. **Início da docência**: investigando professores do Ensino Fundamental. Formação Docente-Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de professores. Volume 03 / n. 05 ago.-dez. 2011: Artigos.

GERHARDT, T.E; SILVEIRA, D.T (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil-UAB/UFRGS. Curso de Graduação Tecnológica-Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural-SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KATO, M. **No Mundo da Escrita**: Uma Perspectiva Psicolinguística. São Paulo: Ática, 2000.

KLEIMAN, A. **Os Significados do Letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MOLL, J. **Alfabetização possível**: reinventando o ensinar e o aprender. 8º edição revisada e atualizada. Porto Alegre. Mediação, 2009.

MORAIS, A. G. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Melhoramentos, 2012. In: MORTATI, R.L; FRADE, I.C.A.S (Orgs). **Alfabetização e seus sentidos**: o que sabemos, fazemos e queremos?. Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 352p.

MORTATTI, M. do R. L. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2000.

PARENTE, C.M.D; VALLE, L.E.L.R; MATTOS, M.J.V.M. (Orgs). **A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2015.

PICCOLI, L. **Prática pedagógica nos processos de alfabetização e de letramento**: análises a partir dos campos da sociologia da linguagem. Tese (Doutorado). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009. 207 f.

SANTOS, C.F; MENDONÇA, M. (Org). **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. 1ed., 1reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 152 p.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: alfabetização como processo discursivo. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. “É preciso formar professores que ensinem o aluno a aprender a aprender”. **Revista Pátio**, Porto Alegre, Ano 3, n. 11, p. 31-33, nov 99/jan 2000.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. n. 25. p. 5-17. jan/fev/mar/abr 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: setembro de 2016..

_____. As muitas facetas da alfabetização. **Cad. Pesq.** São Paulo (52): 19-24, fev. 1985.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEBEROSKY, A. **Aprendendo a escrever**: Perspectivas psicológicas e implicações educacionais. Trad. Cláudia Schilling. Barcelona: Horsori, 2001.

WEBSITE

Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profã/apres.pdf>.

Alfabetização e seus métodos. Disponível em:
<http://pedagogiaaopedaleta.com/alfabetizacao-e-seus-metodos/>.

Os desafios do professor alfabetizador. Disponível em:
<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/OS-DESAFIOS-DO-PROFESSOR-ALFABETIZADOR.aspx>.

Alfabetização e letramento: discutindo conceitos. Disponível em:
<http://www.partes.com.br/2013/06/05/alfabetizacao-e-letramento/#.Waf9p9UrLIU>.

A alfabetização e letramento na prática pedagógica. Disponível em:
http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_010/artigos/artigos_vivencias_10/p1.htm.

Alfabetização: aspectos históricos e alguns pontos para discussão. Disponível em:
<http://www.alumiar.com/index.php/educacao/40-geral1/993-alfabetizacaoaspectoshistoricosealgunsPontosparadiscussao>.